

# ÁGUAS, TURISMOS E CURAS



## Qualidade Devida Luísa Schmidt

sociedade@expresso.impresa.pt

**V**erão, logo, férias. Infelizmente para muitos esta associação direta está longe de ser evidente. Mas, pelo menos para quem possa, este ano será sobretudo dentro do país que as férias terão lugar. Há nisso uma interessante oportunidade. Não é só pelo reconhecimento da importância dos valores ambientais distribuídos pelo território e que tão drasticamente foram afetados nos últimos anos: incêndios florestais, erosão costeira, secas, ausência de políticas públicas de conservação da natureza. O país ficou mais empobrecido e ambientalmente mais frágil. Revisitá-lo hoje pode ser bem importante,

não só para acautelar valores que ainda restam, mas sobretudo para avivar as imaginações quanto às oportunidades, muitas das quais se encontram hoje entregues ao total desperdício por desleixo, negligência ou, pior, pela má-fé.

Estamos particularmente a pensar nos novos rumos que o turismo tem necessariamente de tomar, para bem dele e nosso. As hordas fandangas que para cá vêm para o país pela cerveja barata e pela impunidade dos distúrbios e do ruído, e que alimentou uma das faces mais visíveis do desordenamento territorial, com os seus muitos prédios em cima da areia, terá agora de dar lugar a turismos bem mais rendosos e sobretudo construtivos, duradouros e sustentáveis para o país.

Um deles será seguramente o turismo de bem-estar e de saúde, que tem um potencial extraordinário de criar emprego qualificado e valorizar os chamados recursos endógenos, que por sinal abundam no território. Destaca-se neste caso, sem dúvida, o património termal.

Este património que, além do mais, induz políticas locais de conservação ambiental, as quais se refletem imediatamente na floresta, na paisagem, nas águas, encontra-se estranhamente colocado num limbo prolongado e que, em anos como este, em que nos vamos espalhar pelo país, tanta falta fazem ao turismo interno que agora se promove.

As termas permitem curar ao mesmo tempo o território e os cidadãos; recuperar recursos naturais e a saúde pública e, de caminho, esclarecer e tratar também as viciações administrativas que tornaram possível a negligência a que tantas delas foram votadas. Aliás, os bons casos de sucesso que se assinalam no país — e é justo destacar o papel da Inatel — deixam mais expostas as muitas outras termas que estão por aproveitar. Em tempos de pós-covid não se pode perder a ocasião.

O inventário das termas mostra uma realidade muito diversa — desde as que funcionam muito bem às que foram recuperadas e às que continuam inaceitavelmente abandonadas e até fecha-

das —, incluindo algumas das nossas melhores águas para tratamento de doenças reumáticas. Lembremos Aristides Pereira, 1º Presidente de Cabo Verde pós-independência, que durante a ditadura esteve preso e em tortura dentro de água, ficou com reumatismo crónico que só aliviava nas Termas dos Cucos, em Torres Vedras, hoje fechadas.

É claro que não há termas sem águas termais e a rede misteriosa dos desleixos que as contaminam em alguns locais pode ir longe demais para a envergadura de quem tem que tomar decisões. Mas lá está: as águas são uma grande chave de qualquer país. Uma chave que lhe corre invisível debaixo do chão e que lhe lembra deveres morais, políticos e cívicos.

Agora que tivemos de olhar de frente para a covid, aprendemos também a olhar para desafios vitais. E as águas termais são um deles, sem dúvida.

As termas são a grande oportunidade de curar ao mesmo tempo entorses ambientais do território e a saúde das pessoas. Boas férias!